

# Transição Justa: o que é, o que não é?

O Climáximo, colectivo pela justiça climática, apresenta um esclarecimento público daquilo que se entende como “Transição Justa”, termo que tem sido apresentado e discutido na esfera pública, referindo-se ao processo de encerramento de algumas indústrias e ao investimento público, sem qualquer definição. Começando pela história do termo e a sua evolução, neste comunicado analisamos políticas climáticas e abordamos temas recentes, como o encerramento das infraestruturas de combustíveis fósseis em Portugal. O texto conclui com um roteiro para uma possível Transição Justa e democracia energética.

Neste documento:

Enquadramento Histórico

Transição Justa, de acordo com quem a defende

Transição Justa, de acordo com o capitalismo neoliberal

Está a acontecer uma Transição Justa em Portugal?

Está a acontecer *alguma* transição energética em Portugal?

Por uma Transição Justa em Portugal

## Enquadramento Histórico

A crise climática é causada pelos gases com efeito de estufa emitidos pelas poucas grandes empresas multinacionais<sup>i</sup>, pelos países do Norte Global<sup>ii</sup>, e pela elite económica a nível nacional e internacional.<sup>iii</sup> Simultaneamente, os impactos são sentidos primeiro e mais fortemente pelas populações mais vulneráveis, todas estas inseridas num sistema socioeconómico que prioriza o lucro acima de quaisquer outras considerações.

Neste contexto, o movimento pela justiça climática foi lançado em 2007, na COP-13 em Bali, de forma deliberada, pelas organizações do Sul Global, contra o discurso tecnocrata e a abordagem apocalíptica da crise climática.<sup>iv</sup> Assim, acrescentou-se à discussão a dimensão das injustiças estruturais do colonialismo, neo-colonialismo e capitalismo, e começou-se também a enfatizar a necessidade de uma mudança sistémica, em vez do foco no enquadramento individualista.

Esta escolha não é meramente ética ou política, mas é também pragmática: se queremos resolver um problema, devemos primeiramente abordar a sua raiz, e direccionar a acção para onde o impacto seja imediato e relevante. Neste caso, quem emitiu e emite mais (responsabilidade), e quem tem mais poder para cortar agora as suas emissões (capacidade). Neste momento, existem diversas ferramentas para identificar as responsabilidades justas de cada país e de cada região, como o *Climate Equity Reference Calculator*<sup>v</sup>.

No âmbito da justiça climática, os sindicatos desenvolveram o enquadramento de Transição Justa<sup>vi</sup>, incluindo várias intervenções sociais necessárias para garantir os direitos dos trabalhadores e os

meios de subsistência das comunidades, ao mesmo tempo que se desenvolvem políticas climáticas.<sup>vii</sup>

O termo Transição Justa ganhou visibilidade maioritariamente em 2015 e entrou no preâmbulo do Acordo de Paris.<sup>viii</sup>

Assim, os sindicatos juntaram-se à luta pela justiça climática, com o intuito de reforçar a protecção da classe trabalhadora, protecção esta devidamente assegurada.

## Transição Justa, de acordo com quem a defende

De acordo com a Confederação Sindical Internacional (ITUC), a Transição Justa vai:

- respeitar a contribuição dos trabalhadores das indústrias dos combustíveis fósseis pela prosperidade de hoje, e, portanto, garantir-lhes **apoio ao rendimento, formação profissional, novos empregos e pensões asseguradas para os trabalhadores mais velhos**;
- reconhecer que o **investimento na regeneração das comunidades** será essencial para atingir a esperança e confiança das regiões afectadas pela transição energética, transformação industrial ou desastres;
- garantir **investimento em empregos decentes na mitigação e adaptação** às alterações climáticas; e
- basear-se no **diálogo social** entre todas as partes **relevantes, na negociação colectiva com os trabalhadores e os seus sindicatos, e na monitorização dos acordos públicos e vinculativos**;
- entre outras reivindicações.

Uma Transição Justa serve para construir uma **Democracia Energética**, conceito que é definido em três pilares, nomeadamente, garantir um sector energético:

- baseado na ciência climática,
- de propriedade pública,
- gerido democraticamente.<sup>ix</sup>

Nesse sentido, a Justiça Climática não pode ser atingida sem uma Transição Justa.

## Transição Justa, de acordo com o capitalismo neoliberal

A melhor forma de estragar uma ideia boa é executá-la de forma errada.

A forma mais rápida de garantir que uma reivindicação da justiça social não seja cumprida é entregá-la aos mecanismos de mercado e/ou interpretá-la com uma perspectiva capitalista neoliberal.

No caso da crise climática, o Protocolo de Quioto transformou o carbono numa mercadoria, construiu mercados para as emissões, para os créditos das emissões e para as especulações sobre os

créditos das emissões, etc., resultando num aumento de 60% nas emissões globais de gases com efeito de estufa desde a sua assinatura. O Acordo de Paris esvaziou o enquadramento ainda mais, ao basear-se em compromissos voluntários e não-vinculativos. Como esperado, os bancos canalizaram 2.7 biliões de dólares (USD 2 700 000 000 000) para a indústria de combustíveis fósseis desde a assinatura do Acordo,<sup>x</sup> e as emissões continuaram a aumentar (salvo em 2020 por causa da COVID-19).

Com as mobilizações climáticas que levaram milhões de pessoas às ruas nos últimos anos, os governos sentiram a necessidade de criar uma imagem de tranquilidade. Mais de 1500 governos locais e 31 países declararam emergência climática.<sup>xi</sup> No meio deste ruído, o termo “Transição Justa” foi também introduzido na equação como um chavão.

A Comissão Europeia, a melhor representante do capitalismo na União Europeia, construiu um Pacto Ecológico Europeu, acompanhado pelo Plano de Investimento para Uma Europa Sustentável,<sup>xii</sup> que conseguiram acertar simultaneamente:

- um aumento de 3.2°C de aquecimento até 2100 (no mínimo),<sup>xiii</sup>
- a injeção de dinheiro público em empresas privadas de energia, e
- uma tentativa de cooptação do termo “Transição Justa” em que “ninguém fica para trás”, reinterpretando-o como uma garantia de “justiça” *entre* os capitalistas, assegurando financiamento público para o encerramento das infraestruturas de combustíveis fósseis sem que as empresas responsáveis por estas mesmas infraestruturas tivessem de pagar os custos.<sup>xiv</sup>

A necessidade da classe dominante de cooptar a Transição Justa era expectável. Sem políticas climáticas, chegaríamos à neutralidade carbónica em 2075, por razões meramente económicas e geológicas.<sup>xv</sup> Isto implicaria a falência de certas empresas nos próximos anos. O *status quo* global perpetua o desenvolvimento de tais capitais, em particular devido à simbiose que desenvolvem com a agenda política e governamental, e domínio que exercem sobre as indústrias de energias renováveis.<sup>xvi</sup> *Justamente*, essas empresas começaram a exigir compensações por terem destruído o planeta, apesar de estarem conscientes dos impactos das suas actividades há décadas.<sup>xvii</sup>

O ponto-chave neste debate não é se a transição é justa ou não. **O ponto-chave é se temos uma transição ou não.** De facto, os dados mostram inequivocamente que estamos a caminho do abismo climático, apesar das celebrações sobre o crescimento das renováveis.<sup>xviii</sup> Isto acontece por causa do tamanho colossal dos activos enalhados (*stranded assets*<sup>xix</sup>), dos activos e dos produtos financeiros que perderão o seu valor de mercado se existirem políticas climáticas que garantam travar o colapso: limitar o aquecimento global a 2°C até 2100 implica que 10 biliões de dólares de investimento sejam desvalorizados até zero (em comparação, o PIB global em 2017 foi de 80 biliões de dólares).<sup>xx</sup> Portanto, uma transição suave que mantenha o aparelho global financeiro em funcionamento é tecnicamente impossível. Os capitalistas têm consciência disso. Os governos também. Por isso mesmo, **todas as transições no capitalismo, rotuladas como justas ou não, não só serão injustas porque garantirão o caos climático, mas serão também não-transições.** Concretamente, as moedas de troca entregues à indústria de carvão na Europa (particularmente na Polónia e na Alemanha, mas também em Portugal) não fazem parte duma transição energética compatível com a ciência climática, e claramente nada têm que ver com qualquer espécie de Transição Justa.

Resumindo, a cooptação do termo “Transição Justa” pelo discurso capitalista neoliberal ainda está longe de completa, e um movimento baseado nas evidências e na ciência climática estará sempre pronto a refutar governos e multinacionais.

## **Está a acontecer uma Transição Justa em Portugal?**

Em Portugal, algumas empresas de combustíveis fósseis ressentem já consequências económicas e aproveitam a onda dos fundos europeus para encerrar actividade. Os exemplos mais conhecidos no espaço público são a central a carvão de Sines da **EDP**<sup>xxi</sup> e a refinaria de Matosinhos da **Galp**<sup>xxii</sup>, ambas infraestruturas que há anos se mantiveram por inércia administrativa apesar da baixa produção. Contudo, a **TAP** e a **Efafec**, que também devem ser abordadas no âmbito da Transição Justa, tiveram resgates por nacionalização no verão e estão agora em “reestruturação”<sup>xxiii</sup> e reprivatização.<sup>xxiv</sup>

**Todos estes são exemplos do aproveitamento neoliberal das duas crises: a da pandemia e a da emergência climática.**

Voltando à definição de Transição Justa, e considerando estes casos concretos:

Em nenhum dos casos houve diálogo social e acordo relativo ao encerramento, com os trabalhadores ou com as respetivas organizações, desconsiderando os seus direitos e futuro. Depois da decisão ter sido tomada, os trabalhadores receberam a notícia através da comunicação social e empurraram uma negociação *post facto*, que não só limita as suas possibilidades como quebra qualquer confiança no processo.<sup>xxv</sup>

Em nenhum dos casos houve garantia do rendimento ou garantia de emprego.<sup>xxvi</sup> No melhor caso, o Ministro de Ambiente informou que haveria formação profissional para os trabalhadores<sup>xxvii</sup> – depois de estarem no desemprego – que, como sabemos, não garante emprego para ninguém, e exclui naturalmente a maior parte da mão-de-obra precarizada que trabalhava em qualquer das estruturas (que é a maioria dos trabalhadores).

Para piorar a situação, quando houve investimento energético – dos leilões para centrais solares até ao planeamento de novas infraestruturas de hidrogénio – o governo não incorporou qualquer destes projectos numa transição em relação às infraestruturas poluentes existentes. (Aliás, entre os principais receptores do novo investimento energético encontram-se a EDP e a Galp.) A ligação entre o encerramento duma infraestrutura e a abertura da outra nunca existiu nos contratos ou compromissos, só nas entrevistas ministeriais à comunicação social.<sup>xxviii</sup>

Nenhum dos casos resultou num aumento do controlo público da energia.

Nenhum dos casos democratiza o sector energético. Não só os encerramentos estão a ser geridos pelas empresas multinacionais, como lhes foi também de novo entregue a chefia das novas tecnologias.<sup>xxix</sup>

É necessário frisar que uma Transição Justa é um conjunto de actos deliberados para garantir justiça social enquanto se encerra uma infraestrutura poluente. As dificuldades económicas que atravessam as indústrias poluentes encorajam o pedido de apoios estatais, uma corrida aos fundos disponíveis.

São, no entanto, maquilhadas e apresentadas publicamente como se de empresas conscientes e climaticamente comprometidas se tratassem.<sup>xxx</sup>

Resumindo, enquadrar os recentes acontecimentos da indústria fóssil em Portugal no panorama da Transição Justa seria ilusório, e dadas as circunstâncias é natural que os trabalhadores apreciem o plano com cepticismo e relutância.

## **Está a acontecer *alguma* transição energética em Portugal?**

Mas então, o encerramento duma refinaria ou duma central a carvão não é bom para o clima? Não estão a morrer já milhares de pessoas por causa do caos climático, e não vão morrer mais se não travarmos as emissões? Os ambientalistas não estão a celebrar cada encerramento como um passo para a frente? Portanto, está a acontecer pelo menos alguma transição energética em Portugal, com ou sem justiça e direitos?

**Em Portugal, a única transição em curso é uma transição rumo ao caos climático.** Há duas formas de ver isto: **no papel, os compromissos de corte das emissões garantem um aumento de 3.2°C; em acção, as emissões em Portugal aumentaram ao longo do governo do PS.**<sup>xxxi</sup> A descida temporária de emissões, decorrente da crise pandémica e económica, é convenientemente rotulada pelo actual governo como resultado de políticas climáticas credíveis. Este tipo de alegações não é novidade, a descida de emissões consequente da crise financeira de 2011 foi também apropriada pelo governo do PSD-CDS.

Limitar o aquecimento global a 1.5°C até 2100 em relação aos níveis pré-industriais não é uma discussão ética, é uma discussão técnica: o último relatório do IPCC mostra claramente que depois de 1.5°C de aquecimento entram em efeito vários mecanismos de retroalimentação positiva no sistema terrestre. Existe uma possibilidade real e uma probabilidade significativa de a crise climática se tornar irreversível e provocar aumentos não-controláveis nas temperaturas. Queremos sublinhar várias vezes:

1) **Depois de cair ao abismo, usar os travões não muda a realidade.**

2) **A velocidade inicial de uma queda no abismo é irrelevante depois da mesma acontecer.**

**No caso do clima, ganhar devagar é perder.**

Mas então não podemos continuar a fazer mais do mesmo e ao mesmo tempo aumentar a velocidade? Isto é, não podemos interpretar os recentes acontecimentos como um passo insuficiente para a frente?

A nossa resposta a estas perguntas é negativa.

**O cenário energético ideal para as empresas de combustíveis fósseis é ter um *mix energético* que otimiza os lucros de todos os tipos de fontes de energia, e não abandonar os combustíveis fósseis. (É por isso que também investem em energias renováveis). O cenário político ideal para as empresas de combustíveis fósseis é o que as inclui no processo e lhes confere poder decisivo.**

Este é o pior cenário para o planeta, porque desfoca o assunto da crise climática em direcção a uma discussão sobre o lucro.<sup>xxxii</sup>

### **Este é o cenário em curso.**

Por um lado, os termos dos encerramentos estão a ser negociados entre o governo e as empresas (leia-se: as empresas informam o governo e o governo arranja dinheiro para compensá-las). Por outro lado, as empresas-chave para a transição energética estão a ser entregues ao sector privado.

Não vale a pena celebrar que há cenouras e batatas já cortadas para pôr numa sopa se há um buraco gigante no fundo da panela.

A conclusão a que chegamos é: **a única verdadeira transição energética é uma Transição Justa. Será impossível travarmos a crise climática sem controle público e democratização do sector energético.**

## **Por uma Transição Justa em Portugal.**

Para sermos extremamente claros: **se queremos manter-nos num planeta habitável, as indústrias poluentes têm de ser desmanteladas nos próximos anos.** Os trabalhadores destas indústrias têm direito a uma vida digna e têm direito a um emprego decente, que se traduzam nos princípios da Transição Justa. Mas as empresas não têm o direito de lucrar destruindo as condições físicas da civilização, e os trabalhadores não têm o direito de produzir o caos climático.<sup>1</sup> O orçamento de carbono para limitar o aquecimento global a 1.5°C é uma condição necessária da Transição Justa.<sup>xxxiii</sup>

Uma Transição Justa, a única transição compatível com a ciência climática, passa por:

- **controlo público dos sectores poluentes**, via nacionalizações (como nos sectores de energia, transportes e indústria) e via regulamentação e planeamento (como nos sectores de agricultura e construção);
- **gestão democrática do sector energético**, envolvendo os trabalhadores, as comunidades afectadas pela transição e as comunidades afectadas pela crise climática; e
- **priorizar o bem-estar e crescimento das pessoas e dos ecossistemas**, em detrimento dos lucros das empresas e crescimento económico.

Identificamos neste caso três pilares por uma Transição Justa em Portugal.

### **1. Indústrias Poluentes**

Nas refinarias de petróleo, centrais a carvão, centrais a gás fóssil, indústria pecuária, aviação e outras infraestruturas que devem ser desmanteladas ou reduzidas ao mínimo, é preciso:

- **preparar os trabalhadores já**, com ou sem um encerramento marcado, começando por – pelo menos – um dia por semana de formação profissional para um próximo emprego verde, pago pela empresa e incluído nas horas de trabalho;<sup>xxxiv</sup>

<sup>1</sup> Não se pode defender paz (ou a vida) no mundo e ao mesmo tempo permitir produção das armas nucleares. As fábricas de armas nucleares (todas elas) têm de ser encerradas, independentemente das receitas que produzem e dos empregos existentes nas mesmas. A linha vermelha da justiça climática em defesa da sobrevivência humana é a mesma que em relação às armas nucleares.

- no caso de encerramento, **garantia de rendimento** pago pela empresa em questão, e **garantia de emprego numa economia verde** para todas as trabalhadoras, contratadas e subcontratadas;<sup>xxxv</sup> e
- em casos de urgência de intervenção (nomeadamente, para infraestruturas extremamente poluentes, falências ou pedidos de resgate), **nacionalização com um plano de desmantelamento rápido** que garante as medidas acima, pagas pelos accionistas.<sup>xxxvi</sup>

## 2. Indústrias-chave na Transição

O desmantelamento das indústrias poluentes só pode ser garantido se for acompanhado por uma Transição Justa nos sectores-chave, como a ferrovia (urbana, nacional e internacional), a rodovia (estradas, empresas de autocarros, TVDE's, manufactura de automóveis), energias renováveis, novas tecnologias (hidrogénio, Efafec), onde é preciso:

- **libertar o sector da lógica de lucro** infectada pelas privatizações ou Parcerias Público-Privadas;
- **a nacionalização dos sectores e um plano massivo de investimento público;**<sup>xxxvii</sup> e
- um plano de emprego que dá **garantia e prioridade para todas as trabalhadoras das indústrias poluentes;**<sup>xxxviii</sup>

## 3. Processos Políticos

Por último, tirar o lucro da equação e focar as políticas climáticas nas necessidades das pessoas e do planeta implica fazer o mesmo nos processos políticos. Neste sentido, é preciso:

- **impedir a influência directa ou indirecta das empresas de combustíveis fósseis nos processos políticos** nacionais<sup>xxxix</sup> e internacionais<sup>xl</sup>;
- **envolver os/as trabalhadores/as com as suas organizações, as comunidades afectadas pela transição ou pelos impactos da crise climática, as organizações de sociedade civil e a academia**, não só em termos consultivos mas também nos processos deliberativos; e
- **uma planificação da economia** que articula as várias necessidades sociais, políticas, energéticas, alimentares e de bem-estar de todas as pessoas.

Tirar qualquer um destes pilares resulta numa degeneração do processo político (que por sua vez causa frustração e desconfiança na população) e num falso sentido de acção climática que sustenta a estrutura sócio-económica que está na raiz da crise climática.

- i *Estas 20 empresas são responsáveis por um terço das emissões de carbono*, P3 Público, 9 de Outubro de 2019, <https://www.publico.pt/2019/10/09/p3/noticia/20-empresas-emissoes-carbono-1889421>
  - ii *Climate Justice: 5 Inequities of Climate Change Explained*, Olivia Giovetti, Concern Worldwide USA, 20 de Setembro de 2019, <https://www.concernusa.org/story/climate-justice-inequities-climate-change/>
  - iii *Os mais ricos emitem muito mais CO2 do que os mais pobres e em Portugal isso equivale a 33 vezes mais*, Expresso, 8 de Dezembro de 2020, <https://expresso.pt/sociedade/2020-12-08-Os-mais-ricos-emitem-muito-mais-CO2-do-que-os-mais-pobres-e-em-Portugal-isso-equivale-a-33-vezes-mais>
  - iv Ver *Climate Justice*, Wikipedia, [https://en.wikipedia.org/wiki/Climate\\_justice](https://en.wikipedia.org/wiki/Climate_justice)
  - v Ver *Climate Equity Reference Calculator*, <https://calculator.climateequityreference.org/>
  - vi Ver *Just Transition*, Wikipedia, [https://en.wikipedia.org/wiki/Just\\_Transition](https://en.wikipedia.org/wiki/Just_Transition)
  - vii *Climate Justice: There are no jobs on a dead planet*, International Trade Union Confederation – ITUC (Confederação Sindical Internacional), [https://www.ituc-csi.org/IMG/pdf/ituc\\_frontlines\\_climate\\_change\\_report\\_en.pdf](https://www.ituc-csi.org/IMG/pdf/ituc_frontlines_climate_change_report_en.pdf)
- Just Transition: a report for the OECD*, Samantha Smith, Just Transition Centre, <https://www.oecd.org/environment/cc/g20-climate/collapsecontents/Just-Transition-Centre-report-just-transition.pdf>
- Involving trade unions in climate action to build a just transition*, European Trade Union Confederation – ETUC (Confederação Sindical Europeia), [https://www.etuc.org/sites/default/files/publication/file/2018-09/Final%20FUPA%20Guide\\_EN.pdf](https://www.etuc.org/sites/default/files/publication/file/2018-09/Final%20FUPA%20Guide_EN.pdf)
- viii *Paris Agreement*, United Nations 2015, página 2, [https://unfccc.int/sites/default/files/english\\_paris\\_agreement.pdf](https://unfccc.int/sites/default/files/english_paris_agreement.pdf)
  - ix Ver *Trade Unions for Energy Democracy*, <http://unionsforenergydemocracy.org/about/about-the-initiative/>
  - x *Banking on Climate Change 2020: Fossil Fuel Finance Report Card*, Oil Change International, 18 de Março de 2020, <http://priceofoil.org/2020/03/18/banking-on-climate-change-report-card-2020/>
  - xi *Climate Emergency Declaration and Mobilisation in Action*, <https://www.cedamia.org/global/>
  - xii Ver, *Legislative Train Schedule*, European Green Deal, European Parliament, <https://www.europarl.europa.eu/legislative-train/theme-a-european-green-deal>
  - xiii Ver, por exemplo: *Climate Action Tracker*, <https://climateactiontracker.org/countries/> ;  
*Warming assessment of the bottom-up Paris Agreement emissions pledges*, Robiou du Pont, Y., Meinshausen, M., *Nat Commun* **9**, 4810 (2018). <https://doi.org/10.1038/s41467-018-07223-9> ;  
*Study: National climate pledges and the resulting Global Warming by 2100 (The Pledged Warming Map)*, Claus Andersen, *Climate Positions*, 9 de Dezembro de 2018, <https://climatepositions.com/study-national-climate-pledges-and-the-resulting-global-warming-by-2100-the-pledged-warming-map/>
  - xiv *European Brown Old Deal*, Sinan Eden, *Climáximo*, 29 de Janeiro de 2020, <https://www.climaximo.pt/2020/01/29/european-brown-old-deal-sinan-eden/>
- Why the Sustainable Europe Investment Plan is off-topic for the climate justice movement*, Sinan Eden, *Climáximo*, 3 de Dezembro de 2020, <https://www.climaximo.pt/2020/12/03/why-the-sustainable-europe-investment-plan-is-off-topic-for-the-climate-justice-movement-sinan-eden/>
- xv *Winning Slowly Is The Same As Losing*, Bill McKibben, *Rolling Stone*, 1 de Dezembro de 2017, <https://www.rollingstone.com/politics/politics-news/bill-mckibben-winning-slowly-is-the-same-as-losing-198205/>
  - xvi *The Great Gas Lock-in: Industry lobbying behind the EU push for new gas infrastructure*, Belén Balanyá & Pascoe Sabido, *Corporate Europe Observatory*, Outubro de 2017, página 21 [https://corporateeurope.org/sites/default/files/the\\_great\\_gas\\_lock\\_in\\_english\\_.pdf](https://corporateeurope.org/sites/default/files/the_great_gas_lock_in_english_.pdf)
  - xvii *Exxon Knew*, <https://exxonknew.org/> ;  
*'Shell knew': oil giant's 1991 film warned of climate change danger*, *The Guardian*, 28 de Fevereiro de 2017, <https://www.theguardian.com/environment/2017/feb/28/shell-knew-oil-giants-1991-film-warned-climate-change-danger>
  - xviii *TUED Working Paper #9: Energy Transition: Are We 'Winning'?*, Sean Sweeney, John Treat, *Trade Unions for Energy Democracy*, Janeiro de 2017, <http://unionsforenergydemocracy.org/resources/tued-publications/tued-working-paper-9-energy-transition-are-we-winning/>
  - xix Ver *Stranded Assets*, *Carbon Tracker*, <https://carbontracker.org/terms/stranded-assets/>
  - xx *Europe's stranded assets: Mapped*, *Politico*, 21 de Junho de 2020, <https://www.politico.eu/article/stranded-assets-europe-mapped-energy-climate/>
  - xxi *Comunicado: Campanha Empregos para o Clima denuncia transição energética injusta em Sines*, *Empregos para o Clima*, 17 de Julho de 2020, <http://www.empregos-clima.pt/comunicado-campanha-empregos-para-o-clima-denuncia-transicao-energetica-injusta-em-sines/>
  - xxii *Galp encerra operações em Matosinhos a partir do próximo ano e concentra refinação em Sines*, *Expresso*, 21 de Dezembro de 2020, <https://expresso.pt/economia/2020-12-21-Galp-encerra-operacoes-em-Matosinhos-a-partir-do-proximo-ano-e-concentra-refinacao-em-Sines>
  - xxiii *TAP, muito para além dos aviões*, João Reis, *Jornal Económico*, 6 de Julho de 2020, <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/tap-muito-para-alem-dos-avioes-609166>  
*TAP. Reestruturação prevê despedimento de 750 trabalhadores de terra*, *Notícias ao Minuto*, 28 de Novembro de 2020, <https://www.noticiasao minuto.com/economia/1637015/tap-reestruturacao-preve-despedimento-de-750-trabalhadores-de-terra>



- xxiv *Governo aprovou caderno de encargos para reprivatizar a Efacec em seis meses*, *Jornal de Negócios*, 10 de Dezembro de 2020, <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/governo-aprovou-caderno-de-encargos-para-reprivatizar-a-efacec>
- xxv *Fecho da central de Sines preocupa autarca e sindicato*, *Diário do Alentejo*, 19 de Novembro de 2019, <https://diariodoalentejo.pt/pt/noticias/8752/fecho-da-central-de-sines-preocupa-autarca-e-sindicato.aspx>
- Refinarias, clima e empregos*, João Reis, *Jornal Económico*, 5 de Janeiro de 2021, <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/refinarias-clima-e-empregos-683150>
- Erros fundamentais*, João Camargo, *Expresso*, 5 de Janeiro de 2021, <https://expresso.pt/opiniao/2021-01-05-Erros-fundamentais>
- xxvi *Termoelétrica de Sines. Sindicato alerta para despedimento de 99 trabalhadores indiretos*, *TSF*, 30 de Dezembro de 2020, <https://www.tsf.pt/portugal/economia/termoelétrica-de-sines-sindicato-alerta-para-despedimento-de-99-trabalhadores-indiretos-13183248.html>
- xxvii *Termoelétrica de Sines: Matos Fernandes garante formação a 400 trabalhadores*, *Jornal Económico*, 23 de Novembro de 2020, <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/termoelétrica-de-sines-matos-fernandes-garante-formacao-a-400-trabalhadores-667883>
- xxviii *Hidrogénio: com esta estratégia não se faz descarbonização*, João Camargo, *Expresso*, 5 de Dezembro de 2020, <https://expresso.pt/opiniao/2020-12-05-Hidrogenio-com-esta-estrategia-nao-se-faz-descarbonizacao>
- xxix *Comunicado: Climáximo denuncia a Estratégia Nacional para o Hidrogénio como um paliativo à indústria fóssil*, *Climáximo*, 14 de Junho de 2020, <https://www.climaximo.pt/2020/06/14/comunicado-climaximo-denuncia-a-estrategia-nacional-para-o-hidrogenio-como-um-paliativo-a-industria-fossil/>
- xxx *A transição energética segundo Matos Fernandes e Galamba*, Bianca Castro, *P3 Público*, 1 de Janeiro de 2021, <https://www.publico.pt/2021/01/01/p3/cronica/transicao-energetica-segundo-matos-fernandes-galamba-1944673>
- Fim da refinaria de Matosinhos e Transição Justa: Avanço ou Recuo?*, João Camargo, *Expresso*, 22 de Dezembro de 2020, <https://expresso.pt/opiniao/2020-12-22-Fim-da-refinaria-de-Matosinhos-e-Transicao-Justa-Avanco-ou-Recuo->
- xxxi *National Inventory Report 2020*, Agência Portuguesa do Ambiente, 15 de Março de 2020, <https://unfccc.int/documents/215705>
- xxxii *Durante o governo do PS, Portugal perdeu uma infraestrutura de energias renováveis, quando a empresa dona da Moura Fábrica Solar, fabricante de painéis fotovoltaicos, decidiu fechar porque disse que fazia mais lucro na Ásia, deixando em desemprego os trabalhadores qualificados e experientes.*
- Comunicado: Trabalhadores de Fábrica Painéis Solares pedem nacionalização ao governo*, *Empregos para o Clima*, 11 de Fevereiro de 2019, <http://www.empregos-clima.pt/carta-aberta-ao-pm-trabalhadores-de-fabrica-paineis-solares-pedem-nacionalizacao-ao-governo/>
- Campanha defende que Governo deve nacionalizar fábrica que vai fechar em Moura*, *Diário de Notícias*, 29 de Janeiro de 2019, <https://www.dn.pt/lusa/campanha-defende-que-governo-deve-nacionalizar-fabrica-que-vai-fechar-em-moura-10502892.html>
- xxxiii Ver, por exemplo: <https://carbonbudgetcalculator.com/>
- xxxiv *Formação profissional nas renováveis para todos os trabalhadores de combustíveis fósseis, agora!*, *Sinan Eden*, *Expresso*, 21 de Abril de 2020, <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-21-Formacao-profissional-nas-renovaveis-para-todos-os-trabalhadores-de-combustiveis-fosseis-agora>
- xxxv *Comunicado: Campanha Empregos Para o Clima defende prioridade aos trabalhadores no encerramento das centrais a carvão*, *Empregos para o Clima*, 30 de Outubro de 2019, <http://www.empregos-clima.pt/comunicado-campanha-empregos-clima-defende-prioridade-aos-trabalhadores-no-encerramento-das-centrais-carvao/>
- xxxvi *Comunicado: Climáximo exige nacionalização da TAP com um plano social de transição justa para o sector da aviação*, *Climáximo*, 1 de Julho de 2020, <https://www.climaximo.pt/2020/07/01/comunicado-climaximo-exige-nacionalizacao-da-tap-com-um-plano-social-de-transicao-justa-para-o-sector-da-aviacao/>
- A hora certa para a queda da Galp*, Inês Teles, *Climáximo*, 6 de Abril de 2020, <https://www.climaximo.pt/2020/04/06/a-hora-certa-para-a-queda-da-galp-ines-teles/>
- A Galp tem de ser nacionalizada*, *Galp Must Fall*, 20 de Abril de 2020, <https://galpmustfall.climaximo.pt/2020/04/20/a-galp-tem-de-ser-nacionalizada/>
- Desmantelar a indústria petrolífera, agora!*, *Galp Must Fall*, 22 de Abril de 2020, <https://galpmustfall.climaximo.pt/2020/04/22/desmantelar-a-industria-petrolifera-agora/>
- xxxvii *Sindicato volta a exigir nacionalização da Efacec para por empresa “ao serviço do país”*, *Jornal Económico*, 22 de Junho de 2020, <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/sindicato-volta-a-exigir-nacionalizacao-da-efacec-para-por-empresa-ao-servico-do-pais-603812>
- xxxviii *Mais emprego, menos emissões: uma ideia doutro planeta?* - Diogo Silva, *Expresso*, 8 de Janeiro de 2021, <https://expresso.pt/opiniao/2021-01-08-Mais-emprego-menos-emissoes-uma-ideia-doutro-planeta->
- xxxix *Quem escreveu a Estratégia Nacional para o Hidrogénio?*, *Sinan Eden*, *Climáximo*, 10 de Novembro de 2020, <https://www.climaximo.pt/2020/11/10/quem-escreveu-a-estrategia-nacional-para-o-hidrogenio-sinan-eden/>
- xl Ver a campanha internacional Fossil Free Politics: <https://www.fossilfreepolitics.org/>